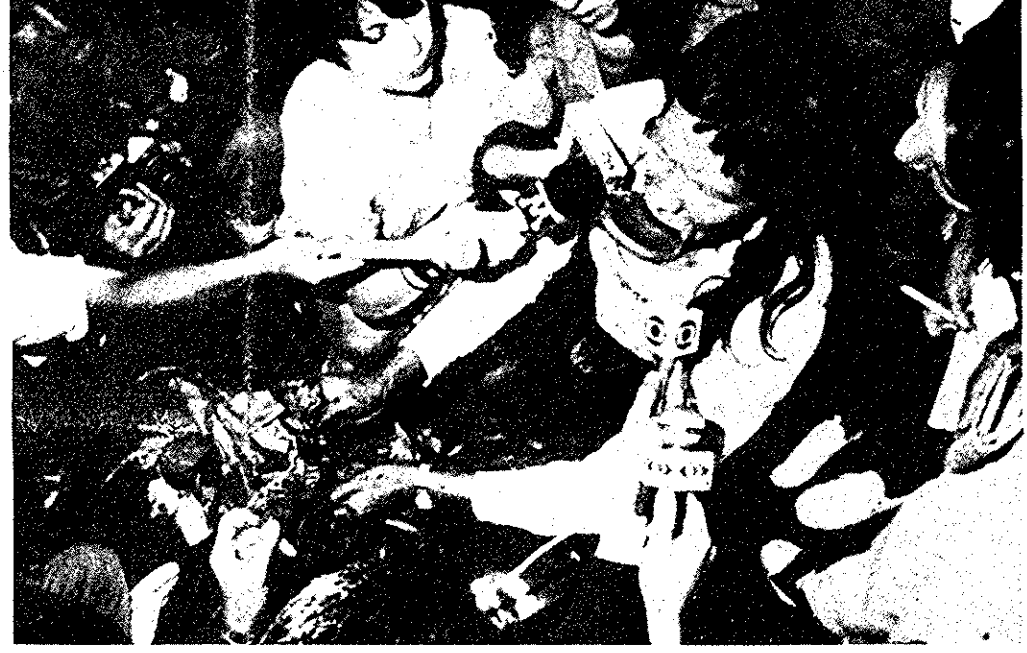


caderno 2

Goiânia - Sexta-Feira, 31 de Janeiro de 1986 **O Popular**



O pajé Sapaim e Augusto Ruschi; paciente e médico numa relação de amizade e confiança nas forças da natureza: uma pajelança que mostrou o poder da milenar medicina indígena



Após o ritual mágico da pajelança, o cacique e pajé Raoni enfrenta os microfones da multi-mídia eletrônica com a sua simples e serena confiança nos valores fundamentais da vida

Agora é hora de aguardar os resultados

Ana Maria Tavares

No início de janeiro a notícia de que o naturalista Augusto Ruschi, a maior autoridade mundial em beija-flores estava morrendo - vitimado por uma estranha doença que ele atribuiu ao veneno de um sapo que coletou em uma das muitas viagens pelo País — comoveu o Brasil e as autoridades. Ruschi, um defensor da natureza, que passou a maior parte dos seus 70 anos embrenhado em florestas à procura de beija-flores (sua grande paixão e maior especialidade) e orquídeas, aparentemente fora traído pela aparência multicolorida do sapo dendrobata, durante uma expedição à serra do navio, no "território do Amapá, feita há dez anos.

De lá para cá, o naturalista vinha sofrendo de hemorragias nasais, febres contínuas e dores pelo corpo que não lhe permitiam dormir mais do que cerca de duas horas por noite. Comovido por uma crônica do poeta Affonso Romano de Sant'Anna pedindo ajuda para Ruschi, o próprio Sarney decidiu que tudo faria para que o especialista tivesse a saúde recuperada. As providências foram tomadas e o cacique Raoni dispôs-se a aplicar a medicina indígena, dizendo que sonhara com o professor Ruschi rodeado por sapos dentro de uma lagoa.

A pajelança — ritual de cura em que são utilizadas ervas medicinais — começou numa quarta-feira, dia 22, reunindo o cacique Raoni e o pajé Sapaim, numa cerimônia a que a imprensa não teve acesso. Mas um velho amigo de Ruschi relatou um pouco do que viu: o professor deitado sobre a cama e os dois índios, fumando cigarros longos feitos com folhas de Petyn, exalando a fumaça sobre o corpo do doente. Depois começaram a massagear Ruschi com plantas trazidas especialmente da Amazônia. Lentamente foi-se desprendendo uma gosma, primeiro branca e depois esverdeada, que os índios afirmam ser o veneno do sapo.

No dia seguinte, Ruschi, bem-humorado e com melhor aspecto, dizia-se revigorado, contando que as hemorragias haviam desaparecido. Raoni e Sapaim começaram uma segunda sessão do ritual, que já atraiu mais de 50 jornalistas do Brasil e do exterior. Com cânticos e ervas, deram prosseguimento à cura, que deveria retirar todo o veneno do sapo. No sábado, deram por encerrado o trabalho, aconselhando ao cientista que fizesse mais quatro dias de banhos com uma raiz denominada Atokoron.

Todo o ritual da pajelança chamou a atenção de leigos e especialistas, entre os quais alguns médicos, indignados com o fato de o professor Ruschi, um cientista, ter-se submetido de bom grado ao tratamento indígena. O neurologista Carlos Bacelar, por exemplo, classificou os métodos dos pajés de "curandeirismo" que, com o aval do Presidente da República, só servem para "desmoralizar a medicina". O médico prometeu que, se Ruschi for curado, colocará "um prato no beijo como o Raoni". Para o coordenador do Centro de Informações Toxicológicas do Rio de Janeiro, da Fundação Oswaldo Cruz, o médico Flávio de Martino, os sintomas do naturalista não devem ser atribuídos ao veneno do sapo dendrobata, mas à cirrose hepática causada pelos medicamentos usados no combate às malárias que acometeram o cientista.

O fato é que existem mais de 50 espécies de sapos dendrobata, cujo veneno é mais poderoso que o cianureto e a cura é completamente desconhecida pelo homem branco. "Curandeirismo" ou não, os índios, habitantes milenares das matas brasileiras, conhecem muito mais sobre os animais e plantas que conviveram com o que qualquer estudioso. O fato de o professor Ruschi ter aceito de bom grado o tratamento também não deveria surpreender, já que está habituado ao convívio com a natureza e o ritual utiliza apenas ervas e plantas.

Ruschi diz estar-se sentindo cada vez melhor, o que deve reacender a polêmica em torno da validade científica da pajelança. Discussões à parte, a verdade é que não se poderia deixar que um dos mais brilhantes estudiosos e lutadores em favor da ecologia, que chegou a defender com uma espingarda a reserva florestal de Santa Luzia, no Espírito Santo, sua terra natal, morresse lentamente. Agora é aguardar os resultados. Se forem positivos, teremos provavelmente o primeiro médico usando um "prato no beijo", como ele mesmo definiu. (A.E.)

Na selva de pedra, o poder mágico da pajelança

Brasílióis Felício

Pouco a pouco, vai se confirmando o dito popular de que "santo de casa não faz milagre", ou então a frase de Balzac, para quem "a humanidade sacrifica seus pensadores para depois erigir-lhes estátuas". No caso do naturalista Augusto Ruschi, foi preciso que, por artes e ofícios de um veneno de sapo, ele tivesse sua vida ameaçada, para que os brasileiros pudessem conhecer seu trabalho de defesa da ecologia no Brasil, particularmente de catalogação de nossa fauna e flora, trabalho exercido em condições difíceis, como é difícil a vida de todo idealista no Brasil. No Espírito Santo, nasceu e onde vive, poucas pessoas do povo o conhecem, e entre as pessoas mais bem situadas (a chamada elite), ele é odiado, pelo simples fato de que seu trabalho como naturalista e ecologista afeta interesses econômicos de grupos poderosos. Ele é considerado a maior autoridade mundial em beija-flores e um corajoso defensor da natureza, o que lhe valeu a ojeriza dos predadores profissionais, e viu-se às voltas com um aparentemente prosaico veneno de sapo que lhe desligou a fisio-

nia, impondo-lhe dores horríveis, com a perspectiva de uma morte a curto prazo, em vista da inexistência de um antídoto na farmacopéia alopatíca. A trajetória de lutas ecológicas de Augusto Ruschi vem de longe, conforme reportagem da revista Isto É (29/11/1986). "Em 1973, ele defendeu, com lances espetaculares, literalmente de arma na mão, o que considerava uma agressão à natureza. Botou em baixo do braço uma espingarda quando o então governador capixaba Elcio Alvares ameaçava confiscar para o acervo florestal do Estado a reserva biológica de Santa Luzia, e ameaçou: "Se ele fizer isto, eu o mato". Ruschi tinha um especial carinho por aquele local, onde trabalhara na década de 30. Isto É informa ainda, que em 1984, "o inquieto naturalista sugeriu a prisão do então ministro da Agricultura, Amaury Stábile, por este haver concedido uma autorização especial para o desmatamento de um nicho de beija-flores, aninhado numa mata de Conceição da Barra, a 350 quilômetros de Vitória." O sujeito que acaba com três espécies de beija-flores merece ir para a cadeia", argumentou.



Augusto Ruschi fez de sua vida um canto de respeito e de defesa de todas as formas de vida na natureza, foi envenenado num acidente de percurso, mas fez de sua vida uma lição de grandeza humana

A grande ironia em todo o transe vivido pelo naturalista capixaba reside em que ele foi vítima da própria natureza que tanto ajudou a defender, num acidente de trabalho que, evidentemente, não irá resultar na condenação à morte de todos os sapos do planeta. Afinal, quem vai à chuva corre o risco inevitável de se molhar, e o próprio Ruschi encarava com naturalidade os sofrimentos por que passava, sem se deixar esmorecer em seu ânimo e em sua disposição para dar prosseguimento às suas pesquisas e à redação de seus livros.

Como a medicina alopatíca, em todo o seu desenvolvimento, não se mostrava capaz de encontrar algum remédio que eliminasse a ação do veneno do sapo, o drama do cientista chegou ao conhecimento do presidente Sarney, que pediu providências ao Ministro do Interior, Costa Couto, no sentido de que fosse feito o possível para ajudar Ruschi. Foi então que o cacique Raoni contou ao Presidente que havia possibilidades de cura, através da cultura milenar dos índios, muito mais antiga que a medicina alopatia. Ao ver fotos de Ruschi nos jornais, Raoni diagnosticou: "Ele já está com cara de sapo;

tem que tirar o sapo de dentro, senão ele morre logo". A pajelança, o ritual curativo indígena de que participaram vários pajés, pode ser contestado pela medicina ocidental, alopatíca, e pode mesmo ser considerada uma crença de ingênuos ou ignorantes, mas o certo é que Ruschi, que tributa grande amizade e admiração aos índios, não se fez de rogado e submeteu-se docilmente a tantas sessões onde se usou o nada agradável cheiro dos cigarros Petyn (como são conhecidos no Xingu). Com um unguento preparado com a fruta tacu'pa, o cacique e o pajé massagearam lentamente o corpo de Ruschi, sobre a barriga, os ombros e a cabeça. Depois de vinte minutos de sessão, os índios passaram a exibir nas mãos uma gosma, de início branca, depois esverdeada, seguindo depoimento de poucas pessoas que presenciaram o ritual: "A fumaça dos cigarros tem a força de retirar o veneno dos sapos. Aprendi isso com o espírito Mamãe, que vive nas florestas", disse o Pajé Sapaim.

O fato principal é que Augusto Ruschi declarou estar se sentindo melhor do que antes, considerando-se mesmo livre do veneno, o que importa mais do que conjecturar sobre a validade científica do procedimento indígena. O próprio Ruschi, embora mau humorado com o assédio que sofreu da imprensa (durante muitos dias ele foi destaque nos noticiários dos principais jornais e revistas do País), não cansou de elogiar a cultura indígena, fazendo a defesa dessa minoria étnica que há algum tempo anda literalmente ameaçada de extinção.

Os ritos e gritos de uma medicina milenar

"Homem e natureza são casados. Formam o único casamento indissolúvel. Rompido esse casamento, o homem tomba no exílio feito de poeira amarga e estéril". Essa frase de Noel Nutels, inserida como epígrafe no livro de Washington Novaes, Xingu - Uma Flecha no Coração, revela bem a que níveis trágicos chegou este rompimento da íntima relação que existiu outrora entre o homem e as coisas vivas que integram seu habitat terreno. Talvez por isso, após o mágico e aparentemente absurdo ritual da pajelança, tenha se restabelecido em muitos a perdida crença no poder da medicina popular e nos conhecimentos que os índios (habitantes mais antigos da terra brasileira) acumularam, durante os milênios de uma civilização que muitos insistem em só ver como atraso, ignorância e barbárie. Por isso o cientista Augusto Ruschi, após as demoradas sessões a que se submeteu, junto aos "médicos" indígenas, disse à imprensa: "A juventude brasileira não deve esquecer da medicina popular, da cultura indígena de milênios e precisa dar mais atenção ao produto mais puro da natureza, que é o índio".

em um lugar, não têm o constrangimento de ir imediatamente embora, ou então emitir um grito primal poderoso e assustador. Washington Novaes conta em seu livro Xingu - Uma Flecha no Coração (Editora Brasiliense) que "uma vez desapareceram duas crianças Kalapalo, uma menina de 9 anos e um menino mais novo. A aldeia toda procurou durante dias, inutilmente. Os pajés fizeram pajelança, e nada. Orlando Vilas Boas, avisado, sobrevoou toda a área, depois botou 40 homens de várias aldeias para vasculhar toda a mata do Alto Xingu. Nada. Os Kalapalo, mesmo humilhados, recorreram a Takumã, que é kamaiurá. Takumã começou a dirigir uma pajelança com mais 14 pajés. Fumaram, fumaram e na manhã de um sábado disse que as crianças iam aparecer de tarde na aldeia. Não apareceram. A pajelança seguiu noite afora. De manhã, Takumã pediu que fechassem as portas de todas as casas, menos as dos pajés. E anunciou que as crianças apareceriam ao meio-dia. Ao meio-dia, semanas depois de desaparecidas, as duas crianças entraram nas casas dos pajés, a menina ainda carregando o caldeirãozinho. Explicaram que estavam com o pai, apareceram um dia pintado (índio não se pinta para ir ao mato), e os levou para dentro da mata. Brincou com eles, deu-lhes frutos silvestres e sumiu. Logo veio um veado, que também brincou com eles e os aqueceu durante uma tempestade. Não sabiam como haviam voltado à aldeia. E assim esse estranho mundo do Xingu. Quem chega lá, vai de espanto em espanto".

Washington Novaes conta ainda, neste livro, a propósito das diferenças culturais profundas existentes entre brancos e índios, um episódio de que foi protagonista, em sua expedição ao Xingu: "Fretamos um barco, descesmos o Rio Amazonas, entramos pelo Andará, e uma noite, por volta de 20 horas, atracamos diante de Molongotuba, uma pequena aldeia dos índios Maué. Foi um alvoroço, a aldeia toda correu para o barco, umas cem pessoas. Dirigi-me ao chefe, expliquei o que pretendíamos, e perguntei se podíamos filmar ali. Não sei, respondeu ele. Vamos perguntar à aldeia. Tudo bem — disse eu. Só que, apressado, com meus tempos de cidade grande, perguntei se daria para resolver logo, "nós temos pouco tempo, se não for possível aqui será preciso encontrar outro lugar". "Vamos devagar", disse o chefe, suavemente, batendo-me nas costas — "índio é devagarinho".

Jornalista com longa convivência com os índios do Xingu, Washington não se espanta com a eficácia da pajelança, pois ele próprio já foi seguidas vezes ajudado pela medicina indígena, quando se encontrava trabalhando nas matas desta região. Ele conta que "índio distingue entre 'doença de branco' e 'doença de índio'". "Doença de branco" é catapo-

Augusto Ruschi fez de sua vida um canto de respeito e de defesa de todas as formas de vida na natureza, foi envenenado num acidente de percurso, mas fez de sua vida uma lição de grandeza humana

Soltando o "grito primal", quando está irritado, ou utilizando ervas e ritos da natureza, para curar enfermidades, Raoni tornou-se uma figura respeitada e admirada

ra, sarampo, gripe, malária — todas essas moléstias que dizem os índios e contra as quais eles não têm defesa. Com essas, o pajé não pode nada. "Doença de índio" é todo o restante." Marcos Terena, assessor indígena do Ministério da Cultura, em matéria especial, publicada pelo Correio Braziliense, considera que os índios têm sido chamados de os grandes mudos da história do Brasil, pois raros são os testemunhos pessoais que deles chegam até nós: "Mas mesmo esses restos de povos, degradados e empobrecidos por um contato fundado na cobiça, na má fé e na violência, ainda hoje podem ensinar regras de bem-viver e virtudes sociais e políticas há muito esquecidas pela sociedade do Século XX, dilacerada por guerras entre povos irmãos ou por conflitos de extrema violência. Do milagre da cultura xinguna, a despeito da diversidade linguística, emergiram as formas culturais integrativas através de outros eventos que substituem o conflito pela competição esportiva e as trocas cerimoniais". Washington Novaes fala em seu livro da difícil caminhada por que teve de passar Raoni para chegar a ser um pajé, caminho que não se escolhe propriamente, quase sempre se é escolhido: "Com Sapaim, ele recorreu ao aprendizado fumando os charutos de ervas, entrando no mundo dos espíritos e enfrentando novas provas terríveis. Depois foi para o Diauarum e, com o Prepari, seguiu seu aprendizado. Voltou ao Alto Xingu e teve de enfrentar novas provas com Sapaim, Sariswá Paru e Takumã. Saia do corpo, viajava pelo mundo dos espíritos, enfrentava macacos gigantes, cobras, o diabo, entrava



por dentro da terra, saía. Mas completamente sozinho. E o primeiro trabalho que fez foi curar um pessoal com febre, no Jarina. Como não lhe pagaram nada, seu coração disparou, teve febre e quase morreu — porque é assim, se o pajé não é pago imediatamente pelo beneficiário do trabalho que fez, perde toda a força e pode morrer. Mas Sapaim e Prepari o salvaram. E hoje ele é um grande pajé". O autor de Xingu - Uma Flecha no Coração não se espanta com o sucesso da pajelança que beneficiou o cientista Augusto Ruschi: "Como não se espanta quando os adolescentes mantidos em reclusão dentro de um quatinho, durante um, dois, quatro anos, sem fazer nenhum exercício, saem fortíssimos, troncudos, só porque tomam certas ervas pelas quais nenhum cientista brasileiro parece interessado? Como não se espanta se eles conhecem anti-concepcionais e abortivos, fazem chá (de algódão) para expulsar a placenta e eliminam as dores da barriga da mulher parida colocando-lhe pedras quentes sobre o ventre? Como não se espanta se eles conhecem remédios para tudo, até para uma pessoa parar de roncar?". Este escritor e jornalista vê como algo consolador "ver essa cultura desprezada e massacrada tomar de assalto os meios de comunicação dos brancos, encantados com o extotismo dos pajés que dão gritos dentro do Palácio do Planalto e, com a mão e a boca, arrancam do corpo do pobre Ruschi o veneno que o está matando".

cular os televisivos — concedem grande espaço a um tema, é inevitável a formação de uma certa história coletiva, como aconteceu, recentemente, no caso da doença e morte do ex-presidente Tancredo Neves. No caso da pajelança que curou o cientista capixaba, essa popularização massiva da cultura ritualística indígena resultará inevitavelmente em propaganda positiva para a medicina popular, tão menosprezada no Brasil. Matéria publicada pelo Jornal do Brasil, no último dia 26, dá conta de que as plantas medicinais já ganham espaço no Rio de Janeiro, nas feiras livres e mercados; assim, a medicina da roça se incorpora ao cotidiano da classe média, ao mesmo tempo em que ervas conhecidas pelo uso popular, como a jurubeba e a carqueja, começam a ser estudadas através de pesquisas científicas nos laboratórios da Central de Medicamentos, do Governo Federal. No Brasil, as primeiras referências são de Pedro Álvares Cabral, que encontrou a raiz da ipecacuanha, utilizada pelos índios para combater disenteria, cuja substância ativa, a emetina, é usada no combate à disenteria amebiana. O conhecimento das ervas, acumulado pelos índios, somou-se ao dos negros. No país de 300 mil espécies botânicas, apenas duas mil são estudadas. Com a redescoberta das coisas naturais, em meados dos anos 70, acompanhada do descrédito em relação aos produtos industrializados, a medicina popular, assim como a homeopatia, ganhou espaço, e hoje há um enorme esforço capaz de criar uma infra-estrutura capaz de atender à procura cada vez maior de seus produtos. (B.F.)

Sempre que no Brasil os meios de comunicação de massa — em parti-